

RESUMO

Francisca Olivia¹

Salma Ferreira Sampaio²

Rutemara Florêncio³

Este artigo aborda a alfabetização da criança com síndrome de Down (SD) no ensino fundamental. Teve como objetivo compreender como ocorre o processo de ensino aprendizagem das crianças com a SD e como as limitações desta podem ser superadas ou amenizadas. A pesquisa possibilitou perceber as principais características apresentadas pelas crianças com a síndrome, bem como aquelas que implicam em transtornos da aprendizagem e ainda sobre como se dá a influência da família e de profissionais capacitados no processo educativo da criança que apresenta este diagnóstico. No decorrer deste estudo, será possível observar a importância da mediação no processo educacional da criança com a SD, e ainda os meios empregados para estimular a compreensão de conteúdos educacionais.

Palavras-chave: Síndrome de Down, educação infantil, criança.

SUMMARY

This article addresses the literacy of children with Down syndrome (DS) in elementary school. It aimed to understand how this process occurs teaching and learning of children with DS and the limitations of that can be overcome or mitigated. The results allow us to understand the main characteristics presented by the children with the syndrome, as well as those that involve learning disabilities and on how does the influence of family and trained professionals in the educational process of the child with this diagnosis. Throughout this study, you will notice the importance of mediation in the educational process of children with DS, and even the means employed to stimulate the understanding of educational content.

Keywords: Down syndrome, early childhood education, child.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia, do 7º semestre da Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil.

² Acadêmica do curso de Pedagogia, do 7º semestre da Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil.

³ Professora do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil.

INTRODUÇÃO

Durante muitos anos considerou-se limitado o desenvolvimento cognitivo da criança portadora de síndrome de Down, até que estudos e pesquisas comprovaram que, por meio da estimulação precoce, ela pode vir a ter o desempenho intelectual aproximado ao desenvolvimento da criança considerada normal.

Segundo Menezes e Barros o desenvolvimento da criança com síndrome de Down passa pelas mesmas etapas do desenvolvimento cognitivo das crianças sem a síndrome, só que de maneira mais lenta.

Diante desta premissa, verifica-se que o estímulo é essencial para que a criança com essa deficiência venha a obter êxito na aprendizagem. Nesse contexto, compreende-se a importância do papel do educador no processo de ensino aprendizagem.

Segundo estudos, o aprendizado tende a ser dado sob a forma de compreensão por meio de segunda pessoa, uma técnica de estudo, portanto, o primeiro contato da criança com novas atividades, habilidades ou informações deve ter a participação de um adulto. Nesse ínterim, compreende-se o sócio interacionismo como um dos principais fatores responsáveis pelo avanço educativo da criança, o que inclui aquelas que portam o distúrbio de desenvolvimento.

CARACTERÍSTICAS DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

De acordo com os autores que serviram de base para este estudo, a síndrome de Down ocorre devido a um cromossomo extra que entra na célula implicando em uma divisão celular falha, ou seja, é a divisão incorreta da célula que leva a S.D e esta por sua vez apresenta-se em três tipos conforme Pueschel (2005, p.61): “(...) a S.D a partir da trissomia 21, a S.D ocasionada por translocação e a S.D originada do mosaicismismo”.

Logo, quanto aos três tipos citados, o mosaico é o que a criança apresenta traços menos acentuados de síndrome de Down. Além disso, o desempenho intelectual é melhor do que a média apresentada pelas crianças com trissomia 21. Sobre isso, Pueschel (2005, p.61) afirma que:

(...) Independente do tipo, quer seja trissomia 21, translocação ou mosaicismismo, é sempre o cromossomo 21 o responsável pelos traços específicos e função intelectual limitada observados na grande maioria das crianças com Síndrome de Down. Entretanto, não se sabe, de que forma os genes do cromossomo interferem no desenvolvimento do feto, levando as características físicas (...).

É importante mencionar que as características mais intensas da criança portadora da síndrome de Down, bem como as que estão relacionadas à aparência física e ao cognitivo, apresentam-se do respectivo modo, conforme compreensão do que ensina Pueschel (2005, p.61): A cabeça é um pouco menor e levemente achatada, o que dá uma aparência arredondada; o rosto apresenta um contorno achatado com nariz, orelha e boca pequenos, pálpebras estreitas e levemente oblíquas, o céu da boca é mais estreito, a língua é grossa e maior, as mandíbulas são pequenas, o pescoço largo e grosso, o tórax afunilado, pés e mãos tendem a ser pequenos e grossos e o quinto dedo é muitas vezes levemente curvado para dentro, uma única dobra é observada atravessando a palma em uma ou em ambas as mãos, os dedos dos pés são geralmente curtos, espaço grande entre o dedão e o segundo dedo, com uma dobra entre eles na sola do pé, a pele é geralmente clara e pode ter a pele ressecada, mãos e rosto rachados dentre outras características.

Quanto ao conhecimento da criança com S.D, a maioria das características físicas que foram citadas não implica na aprendizagem intelectual da criança com

S.D. Segundo o autor supra citado, a curva do dedo mínimo não limita a função da mão, bem como a de poder pegar no lápis, escrever entre outras, a boca pequena, a língua grossa e o céu da boca estreito não impede de poder falar e expressar-se livremente e com clareza, nem a posição oblíqua das pálpebras diminui a visão da criança, dentre outras habilidades que podem ser desenvolvidas pela criança com esta deficiência.

Ainda sobre isso, Pueschel (2005) relata que 40% das crianças com a síndrome de Down apresenta defeito no coração, os pulmões podem apresentar pressão sanguínea aumentada nos vasos e o abdômen da criança com S.D, na maioria das vezes, não demonstra anormalidades. Os órgãos genitais de meninos e meninas podem ser pequenos. Além disso, a maioria dos portadores desta síndrome apresenta tônus muscular pobre, força muscular reduzida e coordenação muscular limitada. Quanto às extremidades, como as mãos, ressalta-se que as impressões digitais também se mostram diferentes das digitais de crianças sem a síndrome.

De acordo com o autor acima, a aparência e as funções do ser humano são determinadas principalmente pelos genes, bem como a da criança com a síndrome de Down, que conforme descrito, mostra diferentes semelhanças quando comparada com a criança que não tem esta deficiência.

(...) Embora as crianças com Síndrome de Down possam ser reconhecidas por sua aparência física semelhante nem todas essas crianças parecem iguais. Além do mais, algumas das características da criança com Síndrome de Down modificam-se no decorrer do tempo. (...). (Pueschel, 2005, p.77)

Conforme Pueschel (2005, p.77) as características físicas da pessoa com síndrome de Down são alteradas a medida em que crescem. Por exemplo, a boca aberta, a língua projetada, a fraqueza muscular, a curva no dedo mínimo, e outras que a princípio podem implicar no desenvolvimento físico e cognitivo da criança com síndrome de Down, podem variar de acordo com o tipo de S.D, a qual uma vez apresentada de forma mais acentuada, pode vir a ter suas características amenizadas ou corrigidas por meio de exercícios que envolvam a psicomotricidade. Esses exercícios, quando utilizados por profissionais capacitados, podem propiciar uma possível reversão do quadro apresentado.

Dessa forma, ressalta-se que a criança com a SD, assim como a criança sem a síndrome, tem níveis intelectuais que, sendo ou não avançados, necessitam cada vez mais de estímulos.

ANÁLISE DAS FORMAS DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

Literaturas referentes ao processo de ensino e aprendizagem da criança com SD ressaltam que, apesar das limitações intelectuais apresentadas, a criança com esta característica pode alcançar resultado positivo no rendimento escolar. Isso pode ocorrer por que as dificuldades podem ser modificadas por meio do acompanhamento da família e de profissionais competentes. Também a participação efetiva do educador, do psicólogo, do fonoaudiólogo entre outros profissionais pode contribuir para que a criança com S.D venha a se desenvolver nos aspectos físico, social, afetivo e cognitivo. Pelo fato do aprendizado da criança com S.D ocorrer de modo mais lento, é necessário um estímulo maior por parte do professor na aplicação de conteúdos enriquecidos com atividades e/ou metodologias renovadas e atraentes capazes de contribuir para que a criança venha a ser alfabetizada e letrada.

Conforme Pueschel (2005, p. 227), pode-se compreender a importância das atividades recreativas para o desenvolvimento motor e intelectual da criança:

(...) definir a recreação como aquelas atividades realizadas durante o horário livre, com o objetivo primeiro de diversão. Também pode ser reconhecida como um meio importante de aprendizagem e um elemento chave no desenvolvimento de crianças com Síndrome de Down (...)

Diante desta observação serão citados alguns exemplos de atividades. Conforme (VALETT, 2002, p. 243) brincar de correr e saltar, dentre outras, permite as coordenações dinâmicas manuais imprescindíveis para que a criança obtenha êxito na leitura e na escrita. Além disso, o mesmo autor afirma também que o brincar influencia na eficiência motora, que por sua vez se refere ao movimento dos grandes conjuntos musculares que, quando são bem estimulados, contribuem para a postura, equilíbrio do corpo e outros.

A eficiência motora refere-se também aos movimentos dos músculos finos e precisos. Para estes últimos pode ser citado exemplos de exercícios como: o jogo de bola de gude, pega varetas, modelagem, pintura, e outras atividades que podem ser feitas com as mãos e trabalham o movimento de pinça, ou seja, estimulam e massageiam os pequenos músculos da mão, principalmente os músculos dos dedos indicador e médio.

Também a criança que desenvolve a coordenação motora, terá facilidade no momento em que ela for pegar e manusear o lápis. Essa atividade é primordial não só para a criança que não tem S.D, mas principalmente para a criança que tem esse diagnóstico, já que a mesma geralmente apresenta características que podem impedir que ela segure o lápis da forma adequada, como por exemplo, a mão pequena e grossa e o dedo mínimo que muitas vezes é levemente curvado para dentro.

Nessa percepção, verifica-se a importância de saber como as atividades lúdicas preparam e exercitam a criança para a escrita, pois é essencial que desenvolva todas as habilidades necessárias para a aprendizagem, como por exemplo, a lateralidade.

Entretanto, é interessante ressaltar que esta atividade, assim como as outras, deve ser atrativa a fim de que a criança sinta-se estimulada a aprender enquanto se diverte, pois quando a atividade é prazerosa, passa a ser o momento mais esperado da criança. Conforme GÓMEZ (p.129) alguns exemplos de atividades para estimular a lateralidade, bem como o brincar de amarelinha, de imitar animais pulando para cima e para baixo, para frente, onde a criança pode brincar para direita e para a esquerda, fazendo curvas dentre outras que quando bem vivenciadas irão influenciar de modo positivo no reconhecimento, na identificação e na grafia das letras q, p, l, u, m, w, z, t, f, j, b e d, facilitando assim o processo de alfabetização da criança.

Desse modo, pode-se compreender que a estimulação dos movimentos físicos para desenvolver a lateralidade acaba interferindo de modo positivo na psicomotricidade como um todo, visto que, quando praticados, também trabalham outras áreas como a coordenação visomotora, ou seja, os olhos dirigem os movimentos do corpo. Conforme GÓMEZ (pp.52- 53) a orientação espacial refere-se a habilidade que a criança apresenta tanto na localização constante do próprio corpo como também na posição dos objetos no espaço. A estruturação espacial refere-se

às relações básicas que ocorrem entre os objetos, como por exemplo, separação, ordenamento e etc. Esse tipo de organização é compreendida como a organização dos elementos no espaço, como exemplo tem-se as letras para formar a palavra casa, a qual pode ser percebida como “A-S-C-A ou CASA”, (GÓMEZ (p.129).

De acordo com Pueschel (2005, p.149) podemos observar que apesar dos exercícios para o desenvolvimento motor da criança sem a S.D geralmente seguirem uma determinada ordem, não devemos deixar de fazer uma ressalva quando nos referimos a criança Down, sendo que a criança com este diagnóstico pode ser estimulada de forma não seqüenciada. Assim, ressalta-se mais uma vez a importância da mediação de um profissional qualificado a fim de que se obtenha o resultado esperado.

Doença cardíaca congênita ou outros defeitos físicos. Assim, esta criança pode estar apta em termos de maturação para desenvolver habilidades de motricidade fina mais avançadas antes de demonstrar competência em certas atividades de motricidade grossa. A criança com Síndrome de Down como qualquer outra criança está apta a aprender ao nascer. Geralmente um bebê adquire primeiro habilidades motoras grossas, antes de estar pronto, em termos de maturação, para envolver-se em habilidades motoras finas de qualquer parte ou complexidade. No caso da criança com Síndrome de Down, este desenvolvimento seqüencial não se aplica, necessariamente, porque ela pode apresentar um atraso no desenvolvimento da motricidade grossa devido a fraqueza muscular (Pueschel 2005, p.149).

Conforme o autor, a estimulação da coordenação motora fina da criança com a síndrome de Down deve ser cuidadosamente orientada desde a mais tenra idade. O que se pôde verificar é que a criança que não tem este diagnóstico realiza movimento de motricidade fina, arranhando ou raspando objetos pequenos com a preensão da mão, o que é chamado de “preensão palmar”. Este movimento desenvolve uma preensão digital com polegar indicador, que irá permitir que peguem e manipulem objetos menores. No caso da criança com síndrome de Down esta possibilidade de rodar o polegar sobre a palma da mão aparece mais tarde. Pode-se utilizar exercícios como manter o polegar e o indicador da criança em torno de um objeto apropriado como um bloco pequeno, uma bolinha de papel. Pode-se ainda fazer uma leve pressão sobre a mão da criança para transmitir a sensação de segurar um objeto, enquanto se repete a palavra “segure”.

É importante ressaltar que o mediador precisa propiciar situações diversificadas e desafiadoras que instiguem a criança a desenvolver os pequenos músculos. Fator

esse que irá facilitar chegada a hora de escrever. Isso poderá ser observado no momento da escrita, quando a criança irá demonstrar como os exercícios ajudaram a melhorar suas habilidades de motricidade manual fina.

Nessa percepção, compreende que o orientador pode dar continuidade a este propósito também no ambiente por meio do brincar eficaz, onde Pueschel (2005, p.156) sugere o lúdico da seguinte forma: apresenta-se um ou dois brinquedos à criança por vez, um pouco mais tarde os brinquedos podem ser trocados por outros. Ao fazer isso, a criança vivencia desde cedo um esquema organizado com certa ordem, seqüência e controle dos impulsos. Também é interessante oferecer amplas oportunidades da criança com deficiência, como brincar com as que não apresentem a síndrome, vindo a se desenvolver ainda mais, pois a criança também aprende por meio da imitação.

Um S.D pode aprender como pegar pequenos objetos, encaixar peças menores ao observar a criança sem a S.D brincar. A convivência entre elas geralmente permite resultados benéficos para ambas, uma vez que aquela que não apresenta a deficiência pode compreender que devemos respeitar as diferenças e aceitar o outro como ele é. E a criança com S.D na maioria das vezes também é beneficiada em vários aspectos como, por exemplo, na salivação excessiva que às vezes apresenta devido à fraqueza do maxilar. Ao conviver com crianças sem a S.D pode começar a imitá-la, é um ato inconsciente e que aos poucos o mediador poderá perceber mudanças cada vez mais significativas na diminuição salivar, dentre outros fatores positivos.

Assim, observa-se que, quando o profissional constatar que a criança com dificuldade na motricidade fina já esta apta para desenvolver movimentos finos com precisão deverá então iniciar com as atividades que irão desenvolver força nos outros grupos musculares, bem como os que envolvem a coordenação motora grossa.

Conforme Pueschel (2005, p.149) a fraqueza muscular está relacionada aos conjuntos musculares da criança, e quando não são exercitados, podem implicar no equilíbrio do corpo, bem como nas partes que envolvem o controle da cabeça devido a fraqueza dos músculos do pescoço. Tendo em vista que esta deve ser a parte inicial a ser trabalhada no desenvolvimento da motricidade grossa, os músculos, os ombros, costas e braços também geralmente necessitam ser fortalecidos com

exercícios. Deve-se também, sempre, estimular a criança com a síndrome a sentar com postura correta, o que irá ajudar no controle da cabeça e tronco. Nessa hora, o profissional deve observar que a cadeira deve estar adequada para a altura da criança, ou seja, a criança precisa estar bem posicionada, com as pernas fechadas e pés no chão, o que é um preparo valioso para carregar objetos pesados no futuro.

A COMPREENSÃO DAS TÉCNICAS E MÉTODOS DE APRENDIZAGEM QUE PODEM SER UTILIZADOS COM CRIANÇAS PORTADORAS DA SÍNDROME DE DOWN

Para que a criança com síndrome de Down venha a se desenvolver na aprendizagem cognitiva é interessante que o educador utilize das mais variadas formas de ensino. Assim, o docente deve utilizar uma metodologia atualizada e direcionada para os transtornos de aprendizagem da criança. Logo, é importante que o mediador tenha um olhar sensível, capaz de perceber o potencial e as dificuldades do aluno com S.D a fim de que, a partir dessa visão, possa aplicar estratégias diferenciadas de ensino com o intuito de solucionar ou amenizar as possíveis dificuldades de aprendizagem apresentadas, bem como na linguagem expressiva e receptiva.

Assim, observa-se a importância do conhecimento, da sensibilidade, da paciência e do compromisso do educador para com a criança com necessidade educacional especial (NEE).

(...) o vocabulário se desenvolve como resultado da experiência e da integração neurológica. Deve-se proporcionar às crianças oportunidades educacionais variadas, como base do desenvolvimento da linguagem. O ensino diretivo de substantivos básicos, através de recursos concretos, imitações e técnica de reforçamento deve ser seguido de instrução seqüencial de verbos, advérbios e adjetivos (VALETT, 2002, p. 243).

Dessa maneira, é notória a influência dos recursos metodológicos no desenvolvimento da linguagem expressiva e receptiva da criança que apresenta transtorno da linguagem. De acordo com VALETT (2002, p. 243) o vocabulário do aluno pode ser estimulado por meio da imitação, onde o mediador irá fazer com que a criança imite ações como: sentar, tocar o nariz, a boca, bater palmas, bater os pés, tocar tambor, representar histórias que envolvam ação.

Com isso, compreende-se ainda que de acordo com Pueschel (2005, p.249) muitas das brincadeiras e cantigas infantis ensinam habilidades imitativas muito úteis, onde a criança imita ações físicas e sons, como repetir músicas, dentre estas pode ser citado as seguintes canções: “pirulito que bate, bate”, “o pião”, “trem de ferro”, “vem cá, bidu”, “peixe vivo”. Estas sugestões podem ajudar o mediador a lembrar de rimas e parlendas populares que já conhece. A criança provavelmente imitará as ações do professor.

A imitação de animais também pode tornar a brincadeira num jogo divertido bem como na imitação do gato – “miau”, cachorro – “au-au” (ou outros sons), vaca – “mu”, pintinho – “piu”, cavalo – estalo de língua, carneiro – “be”, abelha “zzz”, portanto, vale ressaltar que as atividades que aqui foram citadas quando necessário devem ser modificadas ou ampliadas de acordo com a necessidade de cada criança, é o que ensina Pueschel (2005, p.345).

Para estimular o vocabulário prático o profissional da educação pode proceder apresentando objetos concretos e variados para a criança, tais como: livros, lápis, papel, etc, fazendo com que a criança toque nos objetos e depois diga os respectivos nomes. Usar exercícios (mnemônicos) para memorizar os nomes é outra opção. Ainda é possível fazer figuras grandes de objetos comuns, apresentar para o aluno e em seguida mostrar cartões com os nomes das figuras, depois dizer o nome do objeto que foi apresentado e finalizar com a imitação verbal feita pela criança.

Rotular as coisas que estão na sala de aula ou outro ambiente apropriado para o ensino aprendizagem e fazer a criança verbalizar as palavras.

Quanto ao vocabulário simbólico o docente pode solicitar para o aluno recortar figuras para uma pasta de vocabulário, com figuras e letras de fôrma e imprensa e aumentá-la diariamente. Ampliar o vocabulário, associar figuras, estender o procedimento de modo a incluir (eu sou Paulo) além de outros recursos, bem como dicionário ilustrado, etc.

Partindo deste pressuposto, GÓMEZ (p. 285) esclarece algumas atividades para a estimulação fonológica como, por exemplo: inflar balões, fazer bolinhas de sabão, fazer uso da flauta, etc., emitir os fonemas N – D – T – R – S - -CH – I; utilizar lentes de aumento para observar sementes, folhas, insetos e outros etc., pedir às crianças que descrevam suas características, pedir ao aluno que conte uma história, repetir

sílabas com significado, por exemplo: sol, ele, me, etc., imitar os sons de animais, de carro, etc.

Assim, pode-se perceber que os exemplos de atividades que aqui foram citadas podem ser utilizados pelo educador dentro e fora da sala de ensino regular, uma vez que o docente pode aplicar uma metodologia mais dinâmica que desperte no aluno o lado afetivo que por sua vez irá implicar no cognitivo. Nesse caso, a criança aprende a se comunicar a partir do interesse pelo que está sendo ensinado, estas atividades são de grande valia para qualquer criança que se encontre na fase de desenvolvimento da linguagem verbal, principalmente para a criança que apresenta a S.D, uma vez que na maioria das vezes ela demonstra ter dificuldade na fala, fator que quase sempre está co-relacionado as características do maxilar como a fraqueza muscular e outras.

Portanto, é interessante que o educador desenvolva esta metodologia tão logo inicie as práticas pedagógicas com o intuito de que a criança sinta-se mais motivada para expressar seus desejos e necessidades no decorrer da vida escolar com clareza, o que iria contribuir para que a criança sem ou com a síndrome vinha a interagir melhor com professor e com os demais atores do ambiente educacional, além de desenvolver-se melhor da vida cotidiana.

Tendo em conta que uma das primeiras etapas trabalhadas no desenvolvimento da aprendizagem é a socialização, onde alunos e professor reconhecem as mais variadas formas de expressão, vale ressaltar que a criança com a S.D, as vezes, se comunica também por meio de gestos, devido a transtornos da linguagem verbal, porém, quando bem exercitada, ela irá ter respostas positivas tanto no processo de compreensão da leitura e da escrita quanto na vida social

O que muitas vezes diferencia a aprendizagem da criança com Down daquela que não a possui é a ordem dos estímulos e o tempo que cada uma leva para assimilar e aprender o que lhes é ensinado, pois embora as vezes ambas sejam estimuladas de forma e em tempo diferenciados, ainda assim não podem deixar de passar pelas mesmas etapas de ensino, como a da leitura e da escrita. Portanto, deve-se oferecer a elas as mesmas oportunidades, com o intuito de que venham a se tornar igualmente capazes.

Diante disto, VALETT (2006, p. 260) ensina algumas técnicas e métodos para que a criança com ou sem o diagnóstico da S.D venha a desenvolver-se intelectualmente.

(...) a fim de poder ler efetivamente, a criança deve ser capaz de associar sons com seus símbolos escritos e de analisar novas palavras da mesma maneira. Indícios do próprio contexto devem ser reconhecidos e utilizados pelo aluno, com velocidade e facilidade cada vez maiores. Os alunos deveriam ter um vocabulário visual básico antes da introdução de fonemas. VALETT (2006, p. 260).

Desse modo, observa-se que quando a criança já desenvolveu as habilidades básicas necessárias, bem como as que estão relacionadas a psicomotricidade percebe-se que ela pode estar pronta para dar início ao processo de alfabetização, e esta, por sua vez, pode apresentar os mais variados métodos e técnicas de ensino, como por exemplo: de início, o aluno imita o professor que pronuncia vogais e palavras, depois de o fazer, o aluno associar sons, dizendo outras palavras com as vogais dadas pelo professor, por exemplo, explicar que a letra “A” é uma vogal e que tem um som (fonema) /a/ e que para pronunciá-la deve articular a boca de modo a deixá-la bem aberta e imitar o som /a/. O educador deve usar a mesma técnica para as demais letras, fazer associação visual, fazendo o aluno identificar o fonema em palavras variadas.

Quanto aos grupos consonantais deve-se apresentá-los oralmente, como as vogais e consoantes. Ao praticar as combinações primárias – br / cr / dr / fr / gl / pr / TR / bl / cl / fl / rr / lh / nh / ch / através de jogos verbais e fornecer um estímulo inicial (BR – “bruxa”), o aluno irá fazer associações com outra palavra, conforme Valett (2002, p.260).

Pode-se de maneira semelhante passar para a identificação visual dos grupos consonantais, localizando-os em determinadas palavras; fazer o aluno preparar suas próprias listas de palavras, fazendo cartões, os quais serão utilizados na soletração; passar para exercícios em livros ilustrados; pedir ao aluno que elabore uma lista de palavras com um dado som (calda, balde, falta, alto, salto) e ainda desenvolver cartões com palavras em que os sons estão em várias posições (rio, corrente, carro, etc), neste caso podemos observar que o som da consoante “R” aparece igual em três posições diferentes, no início, no meio e no final da palavra respectivamente; construir listas de combinações de sons simples, fazendo palavras tais como: tão,

em, os, ou, é, etc.; combinar outras letras de modo a formar novas palavras, bem como: botão, coragem, pelos, faltou, etc., é o que ensina Valett (2002, p.261).

Portanto, os recursos e técnicas mencionadas podem ser utilizados no processo de ensino-aprendizagem não somente da criança considerada normal, mas também da criança que tem a síndrome de Down.

Vale ressaltar que é de suma importância que o professor seja capaz de compreender o processo de aprendizagem que cada criança necessita passar para aprender, seja ela portadora de Down ou não, uma vez que cada criança é um ser único e tem a sua forma individual de aprender. Assim, torna-se necessário que o educador tenha também a sensibilidade para perceber onde o aluno apresenta maior facilidade ou dificuldade para então estimular ainda mais ou buscar meios que amenizem ou solucionem problemas.

É interessante ainda que o professor torne suas aulas atrativas, assim irá favorecer a afetividade entre aluno e professor durante a aula facilitando a aprendizagem, uma vez que assim o aluno se sentirá mais a vontade para tirar dúvidas, participar, por se sentir mais acolhido no ambiente escolar. Quando o aluno está aprendendo, significa que a afetividade e o aprendizado estão ocorrendo ao mesmo tempo, por isso é importante que se pense em melhores estratégias para ensinar.

No que enseja o aprendizado das palavras, este terá mais valia se o aluno compreender o que leu ou escreveu, tendo a capacidade de explicar o que foi lido por ele. Entretanto, esta habilidade de compreensão torna-se mais limitada quando nos referimos a criança com o diagnóstico da S.D tendo em vista que a criança com esta deficiência quase sempre apresenta memória curta, o que geralmente a impossibilita de relatar fatos acontecidos, bem como dizer acerca do que foi estudado em aulas anteriores, tornando o aprendizado mais lento, porém, existem estratégias de suporte para a criança que apresenta esta dificuldade de memorizar, como aulas mais dinâmicas com práticas atualizadas que chame a atenção do aluno.

(...) para que a pessoa que aprende com sentido e significado o novo material é muito importante que este esteja conectado as suas experiências prévias. Não podemos esquecer que para que qualquer aprendizagem seja possível, o aspecto emocional é primordial: não ocorre uma aprendizagem se existe uma interferência afetiva. VALETT (2006, p. 260)

Conforme o autor supra (ano, p.258) as estratégias para desenvolver a qualidade da memória podem ser apresentadas de várias maneiras, como apresentar a informação ao educando de maneira diferente, codificando a informação por cores para ressaltar respostas, por exemplo. Se estiverem sendo estudados prefixos, sílabas, consoantes iniciais, estas podem ser ressaltadas com uma cor específica. Ao realizar conexões ou associações, por exemplo, é possível aprender uma palavra nova ao associá-la a uma já conhecida. Criar imagens visuais ou visualizar o que será lembrado, ou seja, após contar uma pequena história para a criança, pedir que ela desenhe as imagens dos personagens e se possível os demais detalhes do conto, ou sugerir que a criança conte a história num outro momento, também ajuda na aprendizagem. Dar as instruções de várias maneiras, ou seja, oralmente e por escrito e assegurar a compreensão da criança pedindo que ela a repita e outro meio de estimular a compreensão sobre o assunto da aula. Estas instruções podem ser aplicadas para qualquer criança que apresente dificuldade de retenção dos conteúdos.

É importante destacar que para criança desenvolver o processo da escrita é necessário que já tenha vivenciado as fases de aprendizagem procedimentais adequadas que irão influenciar na aquisição da escrita.

Segundo GÓMEZ o conhecimento prévio das referidas habilidades citadas acima são elementos chave no desenvolvimento da escrita como a percepção visual, onde a criança é estimulada a perceber diferenças e semelhanças nas formas, bem como nos traçados da escrita (percepção auditiva). Geralmente quando esta habilidade não é desenvolvida a criança pode apresentar dificuldades, tais como inverter letras (b,d) e outras, também pode não notar coisas novas na sala de aula ou o que está a mais ou faltando numa imagem, como por exemplo, naquelas em que a criança precisa notar a figura fundo, dentre outras, o que é fundamental para a criança que apresenta transtornos na escrita, bem como a que tem síndrome de Down.

Quanto a lingüística, esta mais relacionada ao sistema fonológico, onde o aluno pode apresentar facilidade ou não na expressão dos fonemas, o que se pôde perceber é que este transtorno na articulação afeta principalmente a criança com a S.D devido as características que a mesma apresenta, como mandíbulas pequenas.

Isso, por sua vez, pode implicar na compreensão e expressão também da escrita. Nessa percepção compreende-se que o orientador precisa expressar-se claramente de frente para a criança, mostrando o movimento da boca para que o aluno perceba bem e passe a imitar, para que o educando supere não somente as dificuldades na articulação, mas também na escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre a criança com síndrome de Down no contexto da educação infantil possibilitou verificar que a razão da criança com SD avançar de maneira diferenciada daquela que não possui a síndrome não a impossibilita de progredir nesse processo educacional.

Nesse íterim, é importante que haja uma intervenção na aprendizagem com o intuito de possibilitar a inclusão educacional e social desse educando. Os diferentes mecanismos de se ensinar o Down fortalecem a idéia de que é perfeitamente adequado incluir a criança na sala de aula comum, posto que esses meios são perfeitamente aplicáveis às outras crianças sem a síndrome, bem como o relacionamento diário com crianças sem a SD reforça a aprendizagem do Down, eis aí outro fator importante, visto que a relação com os seus pares é necessária para o seu desenvolvimento, como o é em qualquer outra criança.

Para alcançar o ensino e aprendizagem de qualidade, faz-se necessário que o educador conheça a síndrome, percebendo limitações a serem trabalhadas, particularidades da criança e seus maiores desafios, oportunizando assim a busca por alternativas que estimulem a criança a participar ativamente das atividades em sala. As atividades criativas e sem preconceitos oportunizam a criança o prazer e a alegria em aprender, criando um ambiente de interação e riqueza de estímulos.

Esses e outros fatores são possíveis à medida que os profissionais de educação se reportem a meios em que não favoreçam a exclusão, bem como se preocupem com o desenvolvimento psicossocial do Down, suas particularidades e sua necessidade de viver em uma sociedade que respeite suas características e limitações como em qualquer outra pessoa.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VALETT, Robert E. **Tratamento de distúrbios da aprendizagem: manual de programas psicoeducacionais**. São Paulo, EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.

PUESCHEL, Siegfried M. org. **Síndrome de Down: guia para pais e educadores**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MENEZES, Djanira Jacinto; BARROS, Márcia L. N. L. **A criança com síndrome de Down e as dificuldades de aprendizagem**. Revista Pátio. Ano XIII, n. 52, nov. 2009/jan 2010.

GÓMEZ, Ana Maria Salgado; TÉRAN, Nora Espinosa. **Dificuldades de aprendizagem: manual de orientação para pais e professores**. ISBN: 978-85-89990-39-4.

VYGOTSKY, LEV S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 3ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 168p. (Coleção Psicologia e Pedagogia. Nova Série).